



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS NATURAIS E TECNOLOGIA - CAMPUS V
CURSO DE TECNOLOGIA EM COMÉRCIO EXTERIOR

ALYSSA KESLEY DO ESPÍRITO SANTO DA SILVA
GEOVANA NASCIMENTO GALVÃO

**O PAPEL DA SUSTENTABILIDADE NA CRIAÇÃO DE VALOR PARA
INVESTIDORES: Análise do Mercado no Pará**

BELÉM - PA
2025

ALYSSA KESLEY DO ESPÍRITO SANTO DA SILVA
GEOVANA NASCIMENTO GALVÃO

**O PAPEL DA SUSTENTABILIDADE NA CRIAÇÃO DE VALOR PARA
INVESTIDORES: Análise do Mercado no Pará**

Trabalho de Conclusão de Curso é apresentado na Universidade Estadual do Pará como requisito essencial para a conclusão do Curso de Comércio Exterior.

Orientador: Dr. Edgar José Pereira Dias

BELÉM – PA
2025

ALYSSA KESLEY DO ESPÍRITO SANTO DA SILVA
GEOVANA NASCIMENTO GALVÃO

**O PAPEL DA SUSTENTABILIDADE NA CRIAÇÃO DE VALOR PARA
INVESTIDORES: Análise do Mercado no Pará**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito obrigatório para a conclusão do
Curso de Tecnologia em Comércio Exterior da
Universidade do Estado do Pará.

Data de Aprovação: ____/____/____
Concebe: _____

Banca Examinadora

Dr. Edgar José Pereira Dias

Dr. Igor de Jesus Lobato

Dr. Ronny Luis Sousa Oliveira

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	5
2	REFERENCIAL TEÓRICO	8
2.1	Sustentabilidade	8
2.2	Criação De Valor	10
2.3	Sustentabilidade Criando Valor	11
3	METODOLOGIA	13
4	ANÁLISE E DISCURSÃO DE DADOS	15
4.1	Sustentabilidade Como Diretriz Central Para Investimentos Na Amazônia	15
4.2	O Potencial dos Negócios no Pará	17
4.3	Como A Imagem Verde Das Empresas Afeta A Confiança E A Decisão Dos Investidores.	19
4.4	Indicadores de Sustentabilidade para Investimentos no Pará	22
4.5	O Impacto De Selos De Certificação Sustentável E Adesão Aos Ods Da Onu Na Atratividade De Investimentos	24
4.6	Desafios Ambientais E Sociais Para A Atratividade De Negócios Sustentáveis No Estado Do Pará	26
4.7	A Relação Entre Práticas Sustentáveis E A Justificativa De Preços Premium Por Empresas	27
4.8	A Influência Da Contribuição Social E Econômica Local Nas Decisões De Investidores ...	28
4.9	O Uso Responsável De Recursos Naturais Como Diferencial Competitivo Para Atração De Capital No Pará	30
4.10	Transparência E Relatórios De Sustentabilidade Como Fatores De Confiança Para Investidores	31
5	CONCLUSÃO	32
	REFERÊNCIAS	36
	ANEXO	41

1 INTRODUÇÃO

No contexto global, a ideia de sustentabilidade tem se intensificado, refletindo um aumento significativo na conscientização ambiental. Esse fenômeno é impulsionado por mudanças nas expectativas de investidores e consumidores, que agora priorizam práticas responsáveis e sustentáveis em suas decisões de compra e investimento. Rogers (2023) destaca que a visibilidade das informações de produtos afetará diretamente as decisões dos consumidores. Isso sugere que os investidores estão cada vez mais atentos a práticas sustentáveis, o que influencia diretamente suas decisões de investimento. Segundo Eccles e Klimenko (2019), as empresas que não integram práticas ambientais, sociais e de governança (ESG) correm o risco de perder relevância no mercado e enfrentarem dificuldades de acesso a capital. A crescente pressão para abordar questões sustentáveis está moldando o comportamento do mercado, levando as empresas a se adaptarem a essas novas demandas (Kurtz, 2024).

O estado do Pará possui potencial para o uso sustentável de recursos naturais, como produtos florestais. Com 1,2 milhão de km² de área e abrigando cerca de 74% da Floresta Amazônica brasileira, o Pará destaca-se como uma das principais áreas de biodiversidade do planeta (IBGE, 2020). Estudos indicam que a bioeconomia baseada em produtos amazônicos, como açaí, castanha-do-pará e óleos essenciais, movimentou aproximadamente R\$ 1,5 bilhão em exportações em 2022, reforçando as oportunidades para um desenvolvimento que respeite os limites ecológicos e promova a sustentabilidade (SUDAM, 2023). Assim se destaca como área essencial de biodiversidade global e oferece oportunidades significativas para um desenvolvimento que respeite os limites ecológicos e promova a sustentabilidade.

A Amazônia, e especificamente no Pará, emergem como áreas de grande interesse no contexto de mercado, especialmente à luz da crescente conscientização sobre sustentabilidade. A biodiversidade rica da região, combinada com o potencial para práticas de desenvolvimento sustentável, atrai investidores que buscam alinhar seus interesses financeiros com a responsabilidade ambiental.

Os investidores demonstram atenção crescente do impacto das suas escolhas, refletindo um interesse crescente em estratégias de investimento sustentável. Segundo o relatório da Global Sustainable Investment Alliance (2020), os investimentos sustentáveis cresceram 15% globalmente entre 2018 e 2020, atingindo um valor de US\$ 35,3 trilhões. No Brasil, um levantamento da B3 (2023) aponta que a demanda por produtos financeiros alinhados a critérios ESG teve um aumento expressivo, com mais de 40% de crescimento no número de títulos verdes emitidos nos últimos dois anos, indicando a preocupação dos investidores com os impactos sociais e ambientais das suas decisões financeiras. Esse movimento, caracterizado pelo aumento do interesse por investimentos sustentáveis e pela inclusão de critérios ESG nas análises financeiras, reflete uma mudança significativa na percepção dos investidores. De acordo com Silva e Vasconcelos (2021), há uma transformação na lógica de alocação de capital, na qual os fatores ambientais, sociais e de governança passam a ser elementos essenciais para decisões de investimento de longo prazo.

Historicamente, as decisões de investimento concentravam-se majoritariamente no retorno financeiro e na mitigação de riscos convencionais, como as oscilações do mercado e a estabilidade macroeconômica (Sharpe, 1964; Markowitz, 1991; Venturini, 2022). No entanto, essa perspectiva tem evoluído significativamente. Investidores passaram a reconhecer que fatores ambientais, sociais e de governança, tais como as mudanças climáticas, os direitos humanos e a governança corporativa, exercem influência direta sobre o desempenho financeiro das organizações (Friede; Busch; Bassen, 2015; Khan; Serafeim; Yoon, 2016; Gillan; Koch; Starks, 2021; Del Gesso, 2025). Nesse contexto, consolida-se a noção de investimento responsável, caracterizada pela integração de critérios de sustentabilidade à análise de risco e retorno. Essa abordagem busca alinhar as decisões financeiras às demandas contemporâneas da sociedade, promovendo um modelo de criação de valor que considera não apenas os interesses econômicos, mas também os impactos sociais e ambientais das atividades empresariais. Nesse contexto, consolida-se o conceito de investimento responsável, caracterizado pela integração de critérios de sustentabilidade à avaliação de risco e retorno financeiro. Esta abordagem visa alinhar as decisões de investimento às demandas sociais e ambientais contemporâneas, promovendo um modelo de criação de valor que considera os interesses econômicos em conjunto com os impactos sociais e ambientais das atividades empresariais (Gillan; Koch; Starks, 2021; Khan; Serafeim; Yoon, 2016; Del Gesso; Lodhi, 2025).

A sustentabilidade, portanto, tem se consolidado como um fator crucial no mercado financeiro, especialmente em contextos de alta sensibilidade ambiental, como a região amazônica e o estado do Pará. Nesse cenário, emerge a seguinte questão central de pesquisa: De que modo as práticas de sustentabilidade implementadas por empresas no Pará influenciam a geração de valor sob a ótica dos investidores?

O avanço da agenda da sustentabilidade tem forçado o mercado financeiro a uma aproximação mais direta com a economia real. Conforme destaca Pugas (2024), o fortalecimento dos princípios ESG está transformando a forma como o mercado avalia riscos e oportunidades, deslocando o foco exclusivamente financeiro para um olhar que incorpora impactos ambientais e sociais. O ESG representa um conjunto de critérios que avaliam o compromisso das empresas com práticas responsáveis e éticas, constituindo-se como ferramentas fundamentais para a criação de valor sustentável ao integrarem fatores que afetam diretamente a reputação, o desempenho e a longevidade corporativa.

Esse movimento de aproximação é impulsionado não apenas por questões éticas, mas também pela crescente demanda dos investidores por transparência e responsabilidade, além da necessidade de mitigação de riscos climáticos e sociais que podem comprometer o desempenho financeiro a longo prazo. Assim, o ESG reafirma a premissa de que a criação de valor transcende os resultados financeiros tradicionais, abrangendo os impactos positivos gerados para a sociedade e para o meio ambiente. Segundo Porter e Kramer (2011), o verdadeiro propósito dos negócios está na geração de valor compartilhado, isto é, valor econômico que também cria valor para a sociedade ao responder a seus desafios.

No caso da Amazônia, a interseção entre biodiversidade e práticas sustentáveis revela um potencial econômico significativo. O estado do Pará desempenha um papel essencial na preservação da floresta, abrigando cerca de 26% da cobertura florestal amazônica (IBGE, 2021). A região é considerada um dos mais importantes reservatórios de biodiversidade do planeta, contando com mais de 40 mil espécies de plantas catalogadas e estimativas de serviços ecossistêmicos que ultrapassam bilhões de dólares anualmente (WWF Brasil, 2023).

Iniciativas como o Programa Municípios Verdes demonstram a viabilidade de conciliar o desenvolvimento econômico com a conservação ambiental no Pará. Além disso, o estado lidera exportações de produtos sustentáveis como o açaí e a castanha-do-pará, fomentando cadeias produtivas de alto valor agregado e baixo impacto ambiental (SEDEME, 2023). Essas cadeias não apenas promovem o desenvolvimento local, mas também posicionam o Pará como um protagonista relevante na agenda global de sustentabilidade.

Dessa forma, analisar o impacto das práticas de sustentabilidade sobre a geração de valor financeiro, especialmente sob a ótica dos investidores, revela-se uma questão de relevância estratégica tanto para a economia regional quanto para a promoção de modelos de desenvolvimento que integrem responsabilidade socioambiental e crescimento econômico. Compreender como a sustentabilidade pode ser traduzida em valor econômico na região é fundamental para promover um modelo de desenvolvimento que beneficie tanto a economia quanto o meio ambiente.

Este artigo tem como objetivo geral analisar como as práticas de sustentabilidade adotadas por empresas localizadas no estado do Pará influenciam a percepção de valor por parte dos investidores, orientando sua intenção de investimento financeiro. Para alcançar esse propósito, propõem-se os seguintes objetivos específicos: (i) identificar os principais critérios de sustentabilidade (ambientais, sociais e de governança – ESG) considerados pelos investidores na avaliação de empresas para fins de alocação de capital; (ii) avaliar como a adoção de práticas sustentáveis por empresas paraenses impacta sua reputação, desempenho financeiro percebido e potencial de valorização de mercado; e (iii) compreender a relação entre a imagem sustentável da região amazônica e a atratividade dos ativos empresariais locais para investidores que priorizam critérios de responsabilidade socioambiental.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Sustentabilidade

O termo sustentabilidade ganhou destaque mundial com a publicação do Relatório Brundtland, em 1987, que definiu o desenvolvimento sustentável como aquele que "atende às necessidades do presente sem comprometer a capacidade das gerações futuras de atender às suas próprias necessidades" (Dobre, 2024). Em 1997, o autor John Elkington introduziu o conceito de Triple Bottom Line (TBL), ou Tripé da Sustentabilidade, propondo a integração de três pilares fundamentais: o ambiental, o social e o econômico. Essa abordagem reforça a ideia de que o desempenho das organizações deve ser avaliado não apenas por seus resultados financeiros, mas também pelo impacto que geram na sociedade e no meio ambiente.

Desde então, o conceito tem sido amplamente debatido e interpretado, em outras palavras, é a busca por um equilíbrio entre o desenvolvimento econômico, o social e a preservação ambiental. Com o aumento da conscientização sobre os impactos das atividades humanas no meio ambiente, o mundo avança em direção a um modelo de desenvolvimento mais equilibrado (Mikulčić; Duić, 2017).

Para as empresas se adaptarem a nova realidade, a busca por esse equilíbrio está diretamente ligada à adoção das práticas e princípios do ESG, uma estratégia amplamente utilizada por investidores institucionais para avaliar o desempenho em sustentabilidade e direcionar seus recursos (Amel-Zadeh; Serafeim, 2018).

As práticas sustentáveis estão presentes diversos setores da sociedade incluem a utilização de fontes de energia renovável, a otimização do consumo de recursos naturais, a reciclagem e o reaproveitamento de materiais, a adoção de sistemas de produção agrícola sustentáveis, a promoção do transporte público e de meios de transporte não poluentes, e a valorização da biodiversidade.

O Pará, sendo um dos estados com maior biodiversidade do mundo por abrigar grande parte da Floresta Amazônica, desempenha um papel estratégico no comércio internacional, na preservação ambiental e no fortalecimento econômico. No ano de 2024 o estado do Pará ocupa a 6ª posição no ranking de exportação nacional (Balança Comercial FIEPA, 2024), com o intuito de consolidar a sua relevância no mercado global, é fundamental que as empresas se reestruturem a nova realidade. Grandes indústrias como a Hydro e a Vale têm contribuído para esse propósito por meio de iniciativas como o “Fundo de Sustentabilidade Hydro” e o “Fundo Vale”, que apoiam políticas de desenvolvimento sustentável e impulsionam o crescimento responsável na região (Silva, 2021).

Desse modo, a exigência por um comportamento sustentável, seja por parte da sociedade, seja pelas empresas, já se consolidou como uma realidade inescapável. A construção de um futuro mais sustentável requer a transformação de sistemas produtivos, cadeias de valor e padrões de consumo, além da reconfiguração de comportamentos individuais e coletivos (Newell; Twena; Daley, 2021). Nesse contexto, a sustentabilidade, ao integrar os aspectos econômicos, sociais e ambientais, deixa de ser apenas um princípio ético e passa a representar uma vantagem estratégica. Ela oferece às organizações a oportunidade de se posicionarem em mercados mais atrativos para investimentos e de se tornarem competitivas em escala global (Martins De Souza; Puglieri; De Francisco, 2024). Tal dinâmica estabelece um elo direto com o conceito de criação de valor, uma vez que a incorporação de práticas sustentáveis tende a ampliar o valor percebido das empresas, fortalecendo sua reputação, mitigando riscos e potencializando o retorno de longo prazo elementos cada vez mais valorizados pelos investidores.

2.2 Criação De Valor

Dando continuidade aos conceitos essenciais discutidos neste artigo, torna-se fundamental compreender em profundidade o conceito de cadeia de valor, especialmente no contexto da sustentabilidade como vetor de geração de valor. A noção de cadeia de valor, introduzida por Porter (1985), constitui uma ferramenta analítica que permite entender como as empresas criam valor ao longo de seus processos internos e externos. Trata-se de um modelo que descreve o conjunto de atividades realizadas por uma organização desde a aquisição de insumos até a entrega do produto ou serviço ao consumidor final, com o objetivo de identificar e potencializar aquelas que agregam valor. De acordo com Costa e Lima (2025), a incorporação de práticas sustentáveis na cadeia de valor é uma estratégia essencial para empresas que buscam competitividade e reputação no mercado global, pois a sustentabilidade deixou de ser apenas uma exigência regulatória e passou a ser um diferencial estratégico.

Porter (1985) categoriza essas atividades em atividades primárias e atividades de apoio. As atividades primárias estão diretamente ligadas à produção, comercialização e entrega dos produtos ou serviços, como logística interna, operações, logística externa, marketing, vendas e serviços pós-venda. De acordo com Porter e Kramer (2006), a criação de valor compartilhado envolve a reconfiguração dessas atividades para gerar valor econômico e social simultaneamente. Já as atividades de apoio sustentam essas operações, promovendo a eficiência e inovação organizacional. Tais atividades incluem infraestrutura da empresa (gestão administrativa, financeira e jurídica), gestão de recursos humanos, desenvolvimento tecnológico e aquisição de insumos e equipamentos estratégicos. Segundo Porter e Kramer (2011), a integração de práticas sustentáveis nessas atividades de apoio fortalece a competitividade das empresas e contribui para o alcance de objetivos ESG ao longo da cadeia de valor.

A análise da cadeia de valor permite que as organizações identifiquem quais atividades geram valor ao cliente e quais podem ser otimizadas ou eliminadas, com vistas à eficiência, inovação e diferenciação. Conforme destacado por Barney e Hesterly (2007), a integração eficaz entre atividades primárias e de apoio é decisiva para a sustentação de vantagens competitivas de longo prazo, sobretudo em setores intensivos em capital e conhecimento. Além disso, estudos recentes indicam que essa sinergia entre processos é potencializada quando aliada a práticas sustentáveis, capazes de ampliar o valor percebido pelos stakeholders e fortalecer a posição estratégica das organizações no mercado (Matos; Silveira, 2024).

Nesse sentido, Porter (1985) destaca que as vantagens competitivas emergem da capacidade de realizar atividades estratégicas de modo mais eficaz ou distinto que os concorrentes. Tal perspectiva é especialmente relevante em contextos marcados por pressões sociais, ambientais e regulatórias, como ocorre na atualidade. Conforme Eccles, Klimenko e Lee (2023), a incorporação de práticas sustentáveis tornou-se uma condição essencial para a competitividade das empresas, sobretudo em setores com alta visibilidade e exigências regulatórias crescentes.

Assim, a cadeia de valor não apenas viabiliza ganhos operacionais e posicionamento mercadológico, como também representa um alicerce conceitual para a geração de valor sustentável. Segundo Kiron et al. (2024), a integração de práticas ambientais, sociais e de governança (ESG) na cadeia de valor reforça a criação de valor compartilhado e a resiliência organizacional. A integração de práticas sustentáveis e tecnologias emergentes fortalece a capacidade de inovação e resiliência das organizações, posicionando-as estrategicamente em um mercado cada vez mais orientado por critérios ambientais, sociais e de governança (Hart; Milstein, 2003; Martin et al., 2025).

2.3 Sustentabilidade Criando Valor

Iniciativas como o uso de matérias-primas renováveis, a redução de emissões de carbono e a adoção de economia circular são exemplos de como a sustentabilidade pode gerar valor agregado no mercado (Bastos, 2022). Produtos sustentáveis não apenas atraem consumidores preocupados com o meio ambiente, mas também justificam preços premium devido à percepção de qualidade e responsabilidade associada. Segundo Kotler e Keller (2012), os consumidores estão dispostos a pagar mais por produtos que representem valores éticos e ambientais alinhados aos seus próprios princípios.

Além disso, práticas sustentáveis reforçam a imagem corporativa, criando uma relação de confiança e lealdade com o cliente (Sujanska; Nadanyiova, 2023). Em um mercado global cada vez mais competitivo e consciente, a transparência na comunicação dessas ações torna-se um diferencial estratégico fundamental. Empresas que divulgam suas práticas de forma clara e autêntica conseguem não apenas conquistar consumidores, mas também atender às demandas rigorosas de investidores que priorizam critérios ambientais, sociais e de governança (ESG), consolidando assim uma vantagem competitiva sustentável (Baldassarre; Campo, 2016; Martins et al., 2024).

Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Organização das Nações Unidas (ONU) atuam como um referencial global que orienta e incentiva organizações a alinharem suas estratégias corporativas à busca por impactos sociais e ambientais positivos, sem perder o foco na lucratividade. Essa convergência entre responsabilidade socioambiental e desempenho financeiro tem sido comprovada em estudos recentes, que indicam que empresas com forte comprometimento e comunicação em sustentabilidade tendem a apresentar melhor desempenho financeiro e maior fidelização de clientes (Garcia; Lima, 2025).

No contexto do Pará, onde a riqueza natural e a biodiversidade representam um ativo estratégico, a adoção e divulgação transparente de práticas sustentáveis são ainda mais relevantes. Setores como bioeconomia, manejo florestal sustentável e turismo comunitário podem se beneficiar diretamente dessa valorização, posicionando o estado como referência nacional e internacional em desenvolvimento sustentável, capaz de atrair investimentos e fortalecer sua competitividade global (Silva et al., 2024; Melo; Pereira, 2024).

Combinando recursos naturais abundantes, políticas públicas favoráveis e um crescente interesse global por práticas sustentáveis, a região do Pará está se tornando referência no desenvolvimento de uma economia verde e na atração de investimentos estrangeiros (Santos, 2024). Um exemplo notável é a empresa paraense Horta da Terra, que se destaca ao utilizar produtos da bioeconomia, atrair investimentos internacionais e contribuir diretamente para o desenvolvimento da comunidade local. Sua atuação serve como modelo para outras iniciativas na região.

A sustentabilidade apresenta-se como um ponto estratégico para criar valor aos produtos paraenses. Conforme apontado por Silva et al. (2024), a adoção de práticas sustentáveis nos setores produtivos do Pará fortalece a competitividade regional ao aliar preservação ambiental e inovação. Com sua riqueza natural, biodiversidade única e um cenário global cada vez mais orientado para práticas ESG, o Pará oferece inúmeras oportunidades de negócios alinhadas à preservação ambiental e ao desenvolvimento social. Setores como a bioeconomia, o manejo florestal sustentável, a agricultura regenerativa e o turismo de base comunitária são exemplos de como é possível combinar lucratividade com impacto positivo. Ao investir no Pará, empresas e investidores estrangeiros fortalecem suas posições no mercado, aproveitando o potencial do desenvolvimento sustentável local (Santos; Oliveira, 2025).

Considerando que o Pará será o anfitrião da COP-30 em 2025, intensificam-se as discussões em torno da imagem institucional que o estado pretende construir e comunicar ao mercado internacional. Nesse cenário, a valorização de produtos oriundos de práticas sustentáveis configura-se como uma estratégia relevante, sendo vista como um potencial alavanca para a geração de valor aos investidores internacionais.

Nesse cenário, o comércio local pode posicionar-se estrategicamente ao integrar práticas sustentáveis às demandas do mercado internacional. Segundo Melo e Pereira (2024), a valorização da sustentabilidade nas estratégias regionais fortalece o posicionamento internacional, ampliando as chances de atração de investimentos e parcerias comerciais.

A construção dessa narrativa sustentável passa a ser vista como um diferencial competitivo, capaz de agregar valor tanto à economia local quanto à percepção dos investidores e consumidores internacionais. Conforme destacado por Almeida et al. (2025), o storytelling sustentável é essencial para consolidar marcas regionais e fomentar confiança em mercados globais cada vez mais exigentes quanto aos critérios ESG.

3 METODOLOGIA

A presente pesquisa adota uma abordagem qualitativa e descritiva, com o objetivo de compreender como as práticas de sustentabilidade implementadas por empresas no estado do Pará influenciam a geração de valor na percepção de investidores. A pesquisa é classificada como descritiva por buscar identificar e caracterizar fenômenos sociais relacionados à sustentabilidade, valor econômico e intenção de investimento; e qualitativa por explorar percepções, significados e interpretações subjetivas dos participantes, sem objetivo de quantificar os dados.

Para a coleta de dados, foi elaborado um questionário com dez perguntas abertas, fundamentadas nos principais autores e construtos teóricos que estruturam este estudo. Dentre os autores utilizados como base para a construção do instrumento, destacam-se Porter (1985), com o conceito de cadeia de valor; Elkington (1997), com o modelo do Triple Bottom Line; Kotler e Keller (2012), ao abordar o comportamento do consumidor diante de valores sustentáveis; Barney e Hesterly (2007), sobre vantagem competitiva; Bravo et al. (2009) e Wu et al. (2019), com foco em imagem corporativa, percepção de valor e apego emocional; além de contribuições mais recentes como Kristina Rogers (2023) e José Pugas (2024), tratando da relação entre ESG e mercado financeiro.

O questionário foi elaborado com base em um cenário introdutório, apresentado aos respondentes com o intuito de contextualizar a realidade da Amazônia e, especificamente, do estado do Pará como território estratégico para negócios sustentáveis. A partir desse cenário, os participantes foram convidados a assumir o papel de potenciais investidores e refletir, de forma analítica e argumentativa, sobre os fatores que influenciam sua decisão de investir em empresas com práticas socioambientais responsáveis.

A coleta foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas e/ou formulários abertos, permitindo a captação de respostas mais ricas, espontâneas e contextuais. As perguntas funcionam como eixos analíticos, diretamente conectados aos objetivos específicos do estudo, a saber: identificar os critérios de sustentabilidade considerados pelos investidores; avaliar o impacto da adoção de práticas sustentáveis sobre a percepção de valor e reputação empresarial; e compreender como a imagem sustentável do território paraense contribui para a intenção de investimento.

A análise dos dados foi conduzida com base na análise de conteúdo temática (Bardin, 2016), permitindo a categorização e interpretação das respostas com foco nos conceitos-chave do estudo. Cada resposta foi analisada à luz do referencial teórico correspondente à pergunta, possibilitando a identificação de padrões discursivos, associações recorrentes, tensões e divergências nas percepções dos respondentes. Essa abordagem fortalece o vínculo entre os dados empíricos e os fundamentos teóricos, favorecendo a produção de insights robustos sobre a relação entre sustentabilidade e criação de valor sob a ótica dos investidores.

Dessa forma, a metodologia adotada neste estudo possibilita uma compreensão aprofundada das motivações e critérios que orientam os investidores em um contexto onde as práticas sustentáveis ganham protagonismo na tomada de decisão financeira, especialmente em territórios estratégicos como o Pará, marcado por sua biodiversidade, riqueza cultural e potencial socioeconômico associado à bioeconomia e ao desenvolvimento sustentável.

Para alcançar os objetivos propostos, este artigo adotou uma abordagem qualitativa e descritiva, permitindo a compreensão aprofundada das percepções dos investidores sobre a sustentabilidade no contexto paraense. A pesquisa foi desenvolvida com base em um questionário composto por perguntas abertas, aplicado a potenciais investidores, os quais foram convidados a refletir sobre um cenário que destacava o papel estratégico do Pará na bioeconomia amazônica.

A análise dos dados foi realizada por meio da técnica de análise de conteúdo temática, conforme Bardin (2016), garantindo a identificação de padrões discursivos e a articulação dos dados empíricos com o referencial teórico. Essa metodologia possibilitou captar nuances relevantes sobre a relação entre práticas sustentáveis, geração de valor e intenção de investimento.

Após a introdução, o artigo está estruturado em treze seções principais. O referencial teórico discute os conceitos de sustentabilidade, criação de valor e sua interseção. Em seguida, são apresentados os resultados da pesquisa empírica, organizados em eixos temáticos como: sustentabilidade como diretriz para investimentos na Amazônia, o potencial dos negócios sustentáveis no Pará, os impactos da imagem verde das empresas, indicadores e certificações de sustentabilidade, bem como os desafios ambientais e sociais da região. Outros tópicos abordam a justificativa de preços premium, a contribuição socioeconômica local e a importância da transparência e dos relatórios de sustentabilidade. Por fim, a conclusão sintetiza os principais achados, evidenciando o papel estratégico da sustentabilidade na atração de investimentos e na valorização empresarial.

4 ANÁLISE E DISCURSÃO DE DADOS

4.1 Sustentabilidade Como Diretriz Central Para Investimentos Na Amazônia

A sustentabilidade, conforme definida no Relatório Brundtland (Dobre, 2024), representa um modelo de desenvolvimento que equilibra necessidades atuais e futuras, articulando dimensões econômica, social e ambiental (Cao, 2021). No contexto amazônico, especialmente no Pará, estado estratégico pela sua biodiversidade (Vilhena, 2022), tal equilíbrio é fundamental para atrair investimentos responsáveis. Práticas como energias renováveis, reaproveitamento de materiais e agricultura sustentável (Adloff; Neckel, 2019) alinham-se à crescente demanda global por responsabilidade ambiental (Mikulčić; Duić, 2017).

A adoção de critérios ESG (Amel-Zadeh; Serafeim, 2018) por empresas brasileiras já demonstra retorno positivo (Silva, 2022), assim como fundos de empresas como Hydro e Vale (Silva, 2021). Integrar o modelo Triple Bottom Line (Elkington, 1997) torna-se essencial para consolidar um mercado competitivo e sustentável (Souza; Puglieri; de Francisco, 2024; Newell; Twena; Daley, 2021). Representado pelas respostas a seguir:

"Como potencial investidor(a), considero que os princípios da sustentabilidade são fundamentais para garantir o

desenvolvimento equilibrado da região, respeitando o meio ambiente e as comunidades locais." (Respondente 1)

"Os princípios da sustentabilidade são fundamentais para garantir que os investimentos gerem impacto positivo e duradouro." (Respondente 2)

"De forma decisória! Na visão Macro, são muitos os fatores que influenciam, como o ESG, que é um fator decisório para investimento." (Respondente 3)

"Em todos os aspectos, pois são necessários olhar para o futuro e pensar em como nossas ações impactam o meio ambiente e a sociedade." (Respondente 4)

A análise das respostas dos quatro respondentes revela uma compreensão compartilhada e aprofundada sobre o papel central da sustentabilidade nas decisões de investimento voltadas à região amazônica. A primeira e a segunda respostas evidenciam que os princípios sustentáveis são percebidos como fundamentais para o desenvolvimento equilibrado e para a geração de impactos positivos e duradouros, o que se alinha diretamente ao conceito clássico de desenvolvimento sustentável proposto pelo Relatório Brundtland (Dobre, 2024).

A terceira resposta destaca a importância da análise macroeconômica e do uso do conceito ESG, considerado atualmente um dos principais critérios de avaliação por investidores institucionais (Amel-Zadeh; Serafeim, 2018). Já a quarta resposta aponta para uma percepção mais holística e temporal, reforçando a ideia de responsabilidade intergeracional e a necessidade de se considerar os efeitos das ações no longo prazo (Newell; Twena; Daley, 2021).

Todas as falas indicam uma sintonia com a visão integrada da sustentabilidade ambiental, social e econômica (Cao, 2021) e reforçada pelo modelo do Triple Bottom Line (Elkington, 1997). A presença dessas percepções entre os respondentes demonstra que os investidores estão atentos não apenas ao retorno financeiro, mas também à legitimidade e responsabilidade das empresas frente aos desafios socioambientais da região amazônica.

4.2 O Potencial dos Negócios no Pará

O avanço das práticas sustentáveis no ambiente empresarial tem alterado a lógica tradicional de geração de valor (Elkington, 1997). Ao considerar não apenas o desempenho financeiro, mas também os impactos sociais e ambientais, os negócios sustentáveis se tornam alternativas viáveis para promover crescimento econômico duradouro, especialmente em regiões ambientalmente sensíveis (Dyllick; Hockerts, 2002). De acordo com Hart e Milstein (2003), organizações que incorporam estratégias voltadas à sustentabilidade possuem maior potencial de inovação e competitividade, além de contribuírem com a redução de riscos ambientais de longo prazo. No cenário amazônico, esse modelo ganha relevância ao integrar as potencialidades ecológicas com o desenvolvimento regional, valorizando a biodiversidade e os saberes locais como ativos estratégicos (Sachs, 2015).

No estado do Pará, tal perspectiva se mostra especialmente promissora, dada a abundância de recursos naturais e o crescente interesse em modelos econômicos que conciliem desenvolvimento e conservação ambiental (IBGE, 2020; Fearnside, 2017). A valorização internacional das cadeias produtivas sustentáveis, evidenciada em relatórios da FAO (2021) e do World Economic Forum (2022), reforça a possibilidade de criar valor econômico por meio de modelos alternativos ao extrativismo tradicional. A construção de uma economia sustentável na Amazônia requer, porém, políticas públicas articuladas, capacitação das comunidades locais e investimentos em infraestrutura fatores destacados por diversos autores (Schaltegger; Wagner, 2011; Sachs et al., 2022).

"Os negócios sustentáveis no Pará têm um grande potencial de crescimento, especialmente se houver incentivos e políticas públicas que apoiem essas iniciativas. (Respondente 2)"

"Vejo um grande potencial. Negócios sustentáveis têm se mostrado mais resilientes e alinhados às demandas do mercado atual. (Respondente 7)"

"Há um grande potencial se houver investimento na capacitação das comunidades locais e na infraestrutura necessária. (Respondente 8)"

"Alto potencial, tendo em vista que o mundo está cada vez mais voltado para práticas sustentáveis e responsáveis. (Respondente 3)"

A primeira resposta aponta para o papel estratégico das políticas públicas na viabilização do crescimento de negócios sustentáveis. A menção à necessidade de incentivos institucionais reforça o argumento de Sachs (2015), que afirma que o desenvolvimento sustentável em regiões como a Amazônia só será possível por meio de uma ação coordenada entre o Estado e os atores produtivos locais. O incentivo estatal, nesse sentido, atua como indutor de uma nova lógica econômica baseada em ativos naturais e práticas responsáveis.

A Respondente 7, por sua vez, destaca a resiliência dos negócios sustentáveis e sua aderência às tendências do mercado. Essa observação está alinhada com Amel-Zadeh e Serafeim (2018), que demonstram que empresas com práticas alinhadas a critérios ESG possuem maior capacidade de adaptação frente a crises e maior estabilidade em mercados voláteis. A ideia de que tais negócios estão em consonância com as “demandas do mercado atual” sugere que consumidores e investidores contemporâneos valorizam organizações comprometidas com a responsabilidade socioambiental (Amel-Zadeh; Serafeim, 2018).

A Respondente 8 amplia a análise ao enfatizar a importância da capacitação das comunidades locais e da infraestrutura como pilares para o sucesso dos negócios sustentáveis. Isso dialoga diretamente com o conceito de desenvolvimento endógeno e inclusivo proposto por Schaltegger e Wagner (2011), no qual o protagonismo das populações locais é elemento essencial para a geração de valor sustentável. Sem essa inclusão social e técnica, há o risco de que modelos sustentáveis reproduzam as desigualdades dos sistemas tradicionais (Schaltegger; Wagner, 2011).

Por fim, a Respondente 3 remete a um panorama mais global ao afirmar que o mundo caminha para práticas cada vez mais sustentáveis. Tal afirmação encontra respaldo no relatório da Global Sustainable Investment Alliance (2020), que aponta o crescimento significativo dos investimentos sustentáveis no cenário internacional. Essa percepção reforça que o potencial de negócios sustentáveis no Pará está associado a uma tendência macroeconômica e cultural que redefine o que é considerado valioso no mundo contemporâneo (Global sustainable investment alliance, 2020).

A análise das respostas evidencia uma convergência clara de como os negócios sustentáveis no Pará são percebidos como alternativas economicamente viáveis e estrategicamente relevantes, desde que acompanhados por investimentos em políticas públicas, infraestrutura e capital humano. As falas analisadas demonstram sintonia com os princípios do modelo Triple Bottom Line (Elkington, 1997), ao considerarem as dimensões econômica, social e ambiental como interdependentes na geração de valor. Diante disso, o Pará encontra-se diante de uma oportunidade ímpar para consolidar uma economia que, além de competitiva, seja legítima perante os olhos de investidores e consumidores conscientes.

4.3 Como A Imagem Verde Das Empresas Afeta A Confiança E A Decisão Dos Investidores

A construção de uma “imagem verde” sólida tornou-se um dos principais ativos simbólicos e estratégicos das empresas que buscam alinhar suas práticas aos valores da sustentabilidade. Conforme apontam Hart e Milstein (2003), a reputação ambiental pode representar um diferencial competitivo relevante em mercados pressionados por padrões éticos e de responsabilidade socioambiental. No contexto atual, marcado por uma maior consciência ambiental e social por parte dos consumidores e investidores, essa imagem opera como um elemento reputacional capaz de influenciar diretamente decisões de consumo e aplicação de capital (Nielsen, 2015; UNEP FI, 2021).

Segundo Peattie e Crane (2005), a imagem ambiental de uma empresa contribui para sua legitimidade no mercado, ao transmitir valores como responsabilidade, ética e transparência. Da mesma forma, Delmas e Burbano (2011) argumentam que marcas ambientalmente engajadas geram confiança e diferenciação, sobretudo em setores onde o impacto socioambiental é historicamente elevado. No entanto, a imagem verde só é eficaz quando acompanhada de comprovações concretas e verificáveis.

Font et al. (2012) afirma que o engajamento sustentável precisa estar sustentado por práticas consistentes, relatórios de desempenho e certificações confiáveis, como as diretrizes do Global Reporting Initiative (GRI) ou a norma ISO 14001. Lyon e Montgomery (2015) alertam para o risco do greenwashing, em que empresas comunicam compromissos ambientais sem respaldo em práticas reais, comprometendo a confiança do consumidor e do investidor.

No Pará, a coerência entre o discurso ambiental e as ações práticas torna-se ainda mais crucial, pois o território carrega um valor simbólico, ecológico e cultural significativo aos olhos do mercado internacional. Bensusan (2006) aponta que a Amazônia é percebida globalmente como um patrimônio ambiental estratégico, e essa percepção torna mais sensível qualquer tentativa de capitalizar sobre atributos sustentáveis sem a devida base empírica.

"A imagem verde de uma empresa ou produto aumenta significativamente minha confiança e intenção de investir, pois demonstra compromisso com o meio ambiente. (Respondente 2)"

"A imagem verde pesa bastante na minha decisão. Empresas que demonstram responsabilidade ambiental ganham minha confiança. (Respondente 7)"

"A imagem deve ser acompanhada de comprovações reais de práticas sustentáveis para influenciar minha decisão de investimento. (Respondente 8)"

"Razoavelmente, porque as informações ainda são muito superficiais e, muitas vezes, não refletem a realidade. (Respondente 3)"

"Marcas com imagem verde sólida transmitem compromisso ambiental e se destacam ao conectar natureza, cultura local e sustentabilidade gerando confiança e desejo em clientes e investidores. (Respondente 6)"

A Respondente 2 destaca que a imagem verde impacta diretamente a confiança e a intenção de investir, desde que seja percebida como um sinal concreto de compromisso ambiental. Essa percepção é coerente com estudos que indicam que a reputação socioambiental pode influenciar significativamente a percepção de risco por parte de stakeholders e investidores (Hart; Milstein, 2003). Essa percepção está em consonância com Peattie e Crane (2005), ao sugerirem que a imagem institucional pode funcionar como um mecanismo de redução de incertezas e riscos percebidos pelos stakeholders.

O Respondente 7 reforça essa perspectiva ao afirmar que a reputação ambiental “pesa bastante” na tomada de decisão, reconhecendo o compromisso socioambiental de uma marca como critério legítimo de seleção de investimentos. Tal percepção é respaldada por Delmas e Burbano (2011), que apontam que empresas com responsabilidade ambiental incorporada à sua cultura organizacional tendem a atrair maior confiança por parte de investidores com consciência socioambiental.

A fala do Respondente 8 contribui com uma abordagem mais crítica e técnica ao afirmar que a imagem verde deve estar acompanhada de comprovações reais, como certificações e relatórios de desempenho ambiental. Essa exigência dialoga com os alertas de Lyon e Montgomery (2015), que destacam a importância de garantir a veracidade das práticas sustentáveis comunicadas, a fim de evitar práticas de greenwashing ou seja, o uso indevido da comunicação verde sem respaldo em ações concretas. O Respondente 3 expressa ceticismo quanto à autenticidade da comunicação empresarial, considerando que, muitas vezes, as informações sobre sustentabilidade são “superficiais e não refletem a realidade”. Essa crítica ressalta a necessidade de maior transparência e coerência entre o discurso e a prática, especialmente em regiões como a Amazônia, onde o simbolismo ambiental amplifica o risco reputacional frente a contradições. Nesse sentido, autores como Laufer (2003) e Ramus; Montiel (2005) destacam que a inconsistência entre discurso e prática pode comprometer a legitimidade institucional, especialmente em contextos sensíveis como o ambiental.

Por outro lado, o Respondente 6 oferece uma leitura mais simbólica e cultural, ao destacar que marcas com imagem verde sólida geram “confiança e desejo”, conectando elementos como natureza, cultura local e sustentabilidade. Essa visão está alinhada com a abordagem de Holt (2004), que interpreta as marcas como construções culturais capazes de expressar identidades e valores. No contexto amazônico, essa conexão entre identidade territorial e valor ambiental representa um diferencial estratégico para empresas que buscam legitimidade e valorização no mercado global. Essa perspectiva também dialoga com o conceito de marketing territorial sustentável, que destaca a importância da valorização do capital simbólico e ambiental de regiões específicas como vantagem competitiva (Barbosa, 2020).

De modo geral, a análise das respostas revela uma convergência na valorização da imagem verde como instrumento relevante na atração de investimentos. Contudo, os relatos também enfatizam que essa imagem precisa ser sustentada por práticas verificáveis, dados objetivos e coerência institucional.

A construção de uma reputação ambiental sólida não deve estar ancorada apenas em estratégias de marketing, mas refletir, de fato, uma cultura organizacional comprometida com a sustentabilidade (Banerjee, 2008).

Para investidores alinhados aos princípios ESG, essa consistência entre discurso e prática é condição essencial para a confiança e a efetivação de decisões de investimento. Estudos como os de Khan, Serafeim e Yoon (2016) mostram que empresas com forte desempenho ESG tendem a apresentar retornos superiores, justamente por transmitirem maior confiabilidade e mitigarem riscos de longo prazo.

4.4 Indicadores de Sustentabilidade para Investimentos no Pará

A definição de critérios objetivos para avaliar o comprometimento de uma empresa com a sustentabilidade é essencial no processo decisório de investidores atentos aos princípios ESG. Segundo Khan, Serafeim e Yoon (2016), investidores tendem a priorizar empresas com desempenho ESG consistente, pois essas organizações apresentam menor risco e maior retorno no longo prazo.

Em regiões sensíveis como a Amazônia, e especificamente no Pará, essa avaliação ganha complexidade, exigindo indicadores que considerem aspectos ambientais, sociais e de governança de forma integrada. Conforme destaca Barbosa (2020), a avaliação de sustentabilidade em regiões como a Amazônia requer métricas adaptadas à realidade territorial, considerando elementos como capital natural, riscos socioambientais e a governança pública local. Segundo Elkington (1997), o modelo do Triple Bottom Line reforça que a criação de valor sustentável depende do equilíbrio entre os resultados econômicos, o impacto social positivo e a preservação ambiental.

Para Siltaoja (2009), a credibilidade das ações empresariais está diretamente ligada à capacidade de fornecer evidências verificáveis, como certificações reconhecidas, relatórios de sustentabilidade auditados e ações de engajamento com as comunidades locais. Tais práticas são especialmente valorizadas em contextos de alta biodiversidade e vulnerabilidade institucional, como o paraense.

Börzel e Risse (2010) argumentam que, em regiões com fragilidade institucional, a presença de mecanismos voluntários de governança ambiental torna-se ainda mais relevante para garantir a confiança dos stakeholders. Além disso, conforme destaca Nepstad et al. (2014), iniciativas como o manejo florestal responsável e a inclusão produtiva de comunidades locais nas cadeias de valor sustentáveis representam não apenas uma estratégia ética, mas uma oportunidade de desenvolvimento regional.

"Os principais seriam: uso sustentável dos recursos naturais, impacto social positivo e transparência nas ações. (Respondente 7)"

"Certificações de sustentabilidade, práticas de manejo florestal responsável e projetos sociais com as comunidades locais. (Respondente 8)"

O Respondente 7 articula claramente os três pilares do desenvolvimento sustentável ao destacar o uso racional dos recursos naturais, o impacto social positivo e a transparência como critérios decisivos para a avaliação de uma empresa. Esses fatores dialogam diretamente com o modelo do Triple Bottom Line, proposto por Elkington (1997), que orienta que o desempenho corporativo deve ser avaliado pelo equilíbrio entre lucro, pessoas e planeta. Além disso, a ênfase na transparência reforça a necessidade da prestação de contas, conforme apontado por Siltaoja (2009), que destaca a comunicação clara, verificável e auditável como elemento fundamental da governança responsável.

Por sua vez, o Respondente 8 reforça a relevância de certificações e práticas técnicas que atestem a sustentabilidade empresarial. A menção ao manejo florestal responsável remete a iniciativas reconhecidas internacionalmente, como o FSC (Forest Stewardship Council), amplamente utilizado para garantir a rastreabilidade e a conformidade ambiental. A inclusão de projetos sociais envolvendo comunidades locais revela uma compreensão ampliada da sustentabilidade, vista como uma prática que deve promover inclusão social, distribuição justa de renda e respeito às dinâmicas territoriais. Essa perspectiva está alinhada com as análises de Nepstad et al. (2014), que discutem a importância da atuação participativa de empresas na Amazônia para um desenvolvimento regional sustentável.

As respostas dos entrevistados demonstram maturidade na avaliação dos critérios de sustentabilidade, ao sublinharem a necessidade de indicadores objetivos e práticas comprovadas como condição indispensável para que uma empresa seja considerada investível.

No contexto do Pará, essas exigências não apenas configuram um diferencial competitivo, mas também representam uma resposta imprescindível aos desafios sociais, ambientais e reputacionais enfrentados pela região. Assim, evidências concretas, certificações legítimas e ações transparentes constituem o núcleo da confiança do investidor que se pauta em valores sustentáveis.

4.5 O Impacto De Selos De Certificação Sustentável E Adesão Aos Ods Da Onu Na Atratividade De Investimentos

A adoção de selos de certificação sustentável e o compromisso com os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) da Organização das Nações Unidas são hoje reconhecidos como instrumentos estratégicos para fortalecer a reputação de empresas e atrair investimentos comprometidos com práticas ESG. Essas ferramentas funcionam como sinalizadores de responsabilidade corporativa, reforçando o alinhamento da organização com padrões internacionais de transparência, ética e impacto positivo (Porter; Kramer, 2006).

Segundo Bocken et al. (2014), as certificações auxiliam investidores a identificar empresas que buscam integrar sustentabilidade ao seu modelo de negócios de forma sistemática, contribuindo para uma economia mais resiliente e justa. Além disso, Eccles, Ioannou e Serafeim (2014) destacam que o disclosure transparente e o uso de certificações facilitam a alocação de capital para empresas responsáveis e sustentáveis.

Entretanto, como apontam Ponte (2019) e Siltaoja (2009), a presença de certificações não garante, por si só, a efetividade das práticas no território. Lyon e Maxwell (2011) e Delmas e Burbano (2011) alertam para o risco do greenwashing, destacando a importância de que esses compromissos estejam associados a ações concretas, verificáveis e com impacto real, especialmente em regiões como o Pará, onde os desafios socioambientais são expressivos e exigem atuação empresarial coerente e contínua.

"Sim, a presença de selos de certificação sustentável ou adesão aos ODS da ONU aumentaria meu interesse em investir, pois demonstra comprometimento com práticas responsáveis. (Respondente 2)"

"Sim, aumentaria meu interesse. Selos de certificação e adesão aos ODS mostram que a empresa está alinhada com metas globais de sustentabilidade. (Respondente 7)"

"As certificações nem sempre refletem ações concretas junto às comunidades locais ou geram impacto real, o que pode limitar sua relevância em certas avaliações. (Respondente 1)"

A fala do Respondente 2 reflete a confiança atribuída aos selos de certificação e à adesão aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) como sinais de comprometimento com práticas sustentáveis. Essa percepção reforça o papel desses instrumentos como ferramentas de validação institucional, elemento essencial no processo decisório de investidores atentos à legitimidade das ações socioambientais (Porter; Kramer, 2006; Bocken et al., 2014). O Respondente 7 complementa essa ideia ao apontar que o alinhamento com metas globais de sustentabilidade é um diferencial competitivo, especialmente em um cenário onde o mercado financeiro começa a penalizar empresas que ignoram critérios ESG. Para ele, certificações e ODS são formas de assegurar que a empresa opera de acordo com uma lógica global de responsabilidade e não apenas com objetivos locais de curto prazo (Eccles; Ioannou; Serafeim, 2014).

O Respondente 1 introduz uma visão crítica fundamental ao questionar o alcance real das certificações e dos compromissos formais. Ao afirmar que essas ferramentas “nem sempre refletem ações concretas”, ele aponta para a necessidade de diferenciar sinalização simbólica de práticas com impacto efetivo – uma crítica já destacada por Ponte (2019) ao alertar para o risco de superficialidade e distanciamento das realidades locais.

Em conjunto, as respostas revelam um cenário equilibrado entre valorização simbólica e exigência prática. Os respondentes reconhecem o papel dos selos e dos ODS na construção de confiança e legitimidade, mas também demonstram maturidade ao exigir coerência entre discurso e prática. No palco amazônico, onde os riscos reputacionais e os impactos territoriais são intensos, a efetividade desses compromissos depende do engajamento com ações transformadoras, com foco em resultados reais e no envolvimento das comunidades locais. O que atrai investidores, portanto, não é apenas a presença de selos, mas a capacidade desses instrumentos de materializar mudanças concretas e verificáveis no território em que a empresa atua (Lyon; Maxwell, 2011; Delmas; Burbano, 2011).

4.6 Desafios Ambientais E Sociais Para A Atratividade De Negócios Sustentáveis No Estado Do Pará

A Amazônia paraense, embora estratégica por sua biodiversidade, enfrenta sérios desafios ambientais e sociais que impedem o avanço de negócios sustentáveis. A "Tragédia dos Comuns" (Hardin, 1968) explica a degradação dos recursos naturais, que compromete o capital natural (Costanza, 1997) e o Relatório Brundtland (Dobre, 2024). A persistência de modelos extrativistas e a insuficiência de políticas públicas criam um "lock-in" tecnológico-institucional (North, 1990), dificultando a Modernização Ecológica (Mol, 2000), apesar do vasto potencial para a bioeconomia no Pará (Adloff, 2019). Superar esses obstáculos é crucial para atrair investimentos e consolidar um desenvolvimento sustentável na região.

Representado pelas respostas a seguir:

“Os negócios sustentáveis no Pará têm um grande potencial de crescimento, especialmente se houver incentivos e políticas públicas que apoiem essas iniciativas.”(Respondente 2)

"Contaminação dos rios amazônicos e desmatamento são os principais riscos que vejo para negócios sustentáveis na região." (Respondente 3)

"Os principais riscos são o desmatamento ilegal, conflitos com comunidades locais e a falta de infraestrutura adequada."(Respondente 7)

"Falta de práticas sustentáveis com comunidades locais e ausência de políticas públicas que incentivem negócios sustentáveis." (Respondente 8)

As declarações dos respondentes 3 e 7 revelam contradições flagrantes com o princípio essencial do Relatório Brundtland (Dobre, 2024), que preconiza o equilíbrio intergeracional. O desmatamento ilegal e a contaminação fluvial comprometem diretamente a capacidade de manutenção dos ecossistemas, ameaçando tanto o capital natural quanto as condições de vida das populações locais (Costanza, 1997).

A segunda e oitava resposta analisam a insuficiência de políticas públicas que refletem tanto a limitação da Modernização Ecológica (Mol, 2000) quanto o "lock-in" tecnológico-institucional (North, 1990). A persistência de modelos extrativistas, herança da economia colonial, cria barreiras à transição para bioeconomia contraditoriamente em uma região com potencial ímpar para energias renováveis e biomateriais (Adloff, 2019).

A análise das percepções dos respondentes, em consonância com os desafios ambientais e sociais do Pará, revela que, apesar do seu vasto potencial em biodiversidade, a consolidação de negócios sustentáveis é dificultada por obstáculos sistêmicos. A insuficiência de políticas públicas e incentivos para práticas sustentáveis demonstra a persistência de um "metabolismo social" (Fisher, 1999) insustentável e um "regime socioeconômico" (Geels, 2002) que favorece a negligência em vez da inovação para uma economia verde. Mesmo com o reconhecido potencial para energias renováveis e biomateriais (Adloff, 2019), a região permanece presa a modelos extrativistas, o que ressalta a dificuldade de superar as barreiras de uma economia de "estado estacionário" (Daly, 1991) e de alinhar o desenvolvimento econômico à capacidade de suporte do planeta, um desafio central da Ecologia Humana (Hawley, 1950).

4.7 A Relação Entre Práticas Sustentáveis E A Justificativa De Preços Premium Por Empresas

As práticas sustentáveis na criação de valor permitem que empresas justifiquem preços premium apesar dos custos operacionais mais elevados. Essa estratégia é fundamentada na Teoria da Visão Baseada em Recursos (Barney, 1991), que enxerga a sustentabilidade como um ativo valioso e diferenciador, e na Teoria dos Stakeholders (Freeman, 1984), que destaca como o atendimento às expectativas de diversos grupos de interesse fortalece a reputação da marca e a lealdade do consumidor. Assim, a capacidade de uma empresa em comunicar transparentemente o valor de suas iniciativas sustentáveis é crucial para transformar investimentos socioambientais em um diferencial competitivo que justifique o preço mais elevado.

Representado pelas respostas a seguir:

"Não, o produto para ser premium precisa entregar mais do que sustentabilidade, como inovação, qualidade e design." (Respondente 1)

"As práticas sustentáveis podem justificar preços mais altos para produtos, pois demonstram um compromisso

com a responsabilidade ambiental e social.” (Respondente 2)

“Os consumidores estão cada vez mais dispostos a pagar mais por produtos que contribuem para um futuro mais sustentável.” (Respondente 7)

Os respondentes 2 e o 7 validam a circunstância de que a sustentabilidade agrega valor, permitindo preços mais altos devido ao compromisso socioambiental e à disposição crescente dos consumidores em pagar por isso, suas visões se alinham à Teoria dos Stakeholders (Freeman, 1984), que enfatiza a construção de reputação e lealdade do cliente através do atendimento às expectativas de grupos de interesse.

Em oposição para o respondente 1, a sustentabilidade atua como um "qualificador de ordem" ou um "ganhador de pedido", termos da Teoria da Qualidade (Garvin, 1987) um pré-requisito para competir, mas outros fatores de excelência são necessários para diferenciar e justificar um preço premium. Assim, a sustentabilidade é um componente essencial, mas a percepção de um produto verdadeiramente "premium" é potencializada pela combinação de múltiplos atributos de valor.

As perspectivas dos respondentes mostram que, embora a sustentabilidade seja um valor crescente que pode justificar o valor, alinhando-se à Teoria dos Stakeholders (Freeman, 1984) pela reputação e lealdade do cliente ela raramente age sozinha. Para o respondente 1, e conforme a Teoria da Qualidade de (Garvin, 1987), a sustentabilidade atua como um "qualificador de ordem", um pré-requisito essencial, mas não o único diferencial. Produtos verdadeiramente "premium" potencializam sua percepção de valor ao combinar a sustentabilidade com outros atributos como inovação, qualidade e design, criando uma proposta de valor diversificada que impulsiona a disposição do consumidor em pagar mais.

4.8 A Influência Da Contribuição Social E Econômica Local Nas Decisões De Investidores

No cenário de investimentos, a contribuição social e econômica local das empresas é um fator decisivo, refletindo uma consciência crescente sobre o impacto corporativo nas comunidades.

A Teoria dos Stakeholders (Freeman, 1984) explica que considerar todos os grupos de interesse, incluindo o ambiente local, é crucial para a reputação e sustentabilidade do negócio. O conceito de "Valor Compartilhado" (Porter; Kramer, 2011) complementa, mostrando que gerar valor econômico e resolver desafios sociais pode ser uma fonte de inovação e diferenciação para atrair investidores.

No Pará, essa contribuição local se torna um diferencial estratégico, influenciando decisões de investidores que buscam alinhar retorno financeiro com impacto positivo.

Representado pelas respostas a seguir:

"O fato de uma empresa contribuir com o desenvolvimento social e econômico local aumenta minha confiança e interesse em investir, pois demonstra um compromisso com a comunidade" (Respondente 2)

"Aumenta significativamente sua atratividade como oportunidade de investimento." (Respondente 6)

"Este é um fator crucial na minha decisão de investimento. Empresas que geram empregos, apoiam a educação e a inclusão social fortalecem a comunidade e criam um ciclo positivo de crescimento." (Respondente 7)

"A contribuição com o desenvolvimento, seja econômico ou social, é um fator de impacto direto na minha análise como investidora." (Respondente 8)

A contribuição social e econômica local de uma empresa é um fator crucial, conforme evidenciado pela unanimidade dos Respondentes 2, 6, 7 e 8, que associam esse compromisso a maior confiança e atratividade para o investimento. Essa perspectiva se alinha à Teoria dos Stakeholders (Freeman, 1984), que defende que o engajamento com a comunidade fortalece a reputação e o desempenho de longo prazo da empresa. E também, o conceito de Valor Compartilhado (Porter; Kramer, 2011) reforça que gerar valor econômico e social simultaneamente é um diferencial estratégico, transformando o impacto local em um critério decisivo para investidores que buscam não apenas retorno financeiro, mas também um impacto positivo e duradouro.

4.9 O Uso Responsável De Recursos Naturais Como Diferencial Competitivo Para Atração De Capital No Pará

O uso responsável de recursos naturais tornou-se um diferencial competitivo crucial para atrair capital, especialmente no Pará, dada sua rica biodiversidade. A Teoria da Visão Baseada em Recursos (Barney, 1991) explica que essa prática confere às empresas uma vantagem sustentável, ao transformar recursos naturais gerenciados de forma consciente em ativos estratégicos. Além disso, a crescente demanda por investimentos sustentáveis (ESG), evidenciada pelo aumento global e no Brasil de títulos verdes, demonstra que investidores estão priorizando empresas com impacto socioambiental positivo, alinhando-se às novas expectativas do mercado financeiro.

Representado pelas respostas a seguir:

“A natureza é nossa maior riqueza. Se aliarmos conservação com inovação, teremos um grande diferencial no mercado.” (Respondente 3)

“Investidores do mundo inteiro estão em busca de empresas que conciliem preservação ambiental e geração de valor. O Pará tem um ativo valioso: a floresta em pé, e negócios que mostram como gerar renda a partir dela, sem destruí-la.” (Respondente 6)

“Isto pode ser um grande diferencial competitivo, principalmente para mercados internacionais atentos à sustentabilidade.” (Respondente 7)

“Temos o mais importante, que é a floresta, mas falta a valorização do conhecimento local e uso responsável dos recursos.” (Respondente 8)

A análise das respostas aponta um consenso sobre o uso responsável dos recursos naturais como um diferencial competitivo crucial no mercado, especialmente no Pará. Respondentes 3, 6 e 7 concordam que a "conservação com inovação" e a "floresta em pé" geram valor e atração para "mercados internacionais atentos à sustentabilidade". Essa visão se alinha à Teoria da Visão Baseada em Recursos (Barney, 1991), onde a gestão sustentável se torna um recurso valioso.

A busca de investidores por empresas que conciliam preservação e valor reflete a crescente importância dos critérios ESG, confirmada pelo aumento global de investimentos sustentáveis. Contudo, o respondente 8 ressalta a falha na "valorização do conhecimento local e uso responsável dos recursos", que é fundamental para a efetivação da sustentabilidade como vantagem competitiva, conforme teorias sobre manejo de recursos comuns (Ostrom, 1990).

4.10 Transparência E Relatórios De Sustentabilidade Como Fatores De Confiança Para Investidores

A transparência e a qualidade dos relatórios de sustentabilidade são cruciais para a confiança dos investidores, refletindo uma mudança para além dos retornos puramente financeiros. Essa importância é explicada pela Teoria da Assimetria da Informação (Akerlof, 1970), que destaca como informações claras sobre práticas ESG mitigam a incerteza e aumentam a confiança, e pela Teoria da Legitimidade (Suchman, 1995), que aponta a busca por alinhamento com as expectativas dos stakeholders como via para aceitação corporativa. A demanda crescente por investimentos sustentáveis e títulos verdes, conforme relatórios da Global Sustainable Investment Alliance (2020), reforça que a transparência em sustentabilidade se tornou um pré-requisito para atrair capital responsável.

Representado pelas respostas a seguir:

“Espero relatórios que mostrem o impacto real na comunidade, com parâmetros objetivos e mensuráveis ao longo do tempo.” (Respondente 1)

"Espero que a empresa forneça relatórios de sustentabilidade detalhados, com indicadores claros de impacto ambiental e social." (Respondente 2)

"Origem da matéria-prima, informações de produção, consumo de recursos naturais e impacto na comunidade." (Respondente 4)

‘Confio em transparência total nos relatórios ESG, com metas, resultados e auditorias externas.’ (Respondente 7)

Para todos os respondentes a transparência e a qualidade dos relatórios de sustentabilidade são fundamentais para a confiança dos investidores. demonstram uma clara expectativa por "relatórios detalhados, com indicadores claros de impacto ambiental e social", que abranjam desde a "origem da matéria-prima" até o "impacto na comunidade", com "parâmetros objetivos e mensuráveis". Essa demanda por informações claras e verificáveis, incluindo, busca reduzir a assimetria da informação (Akerlof, 1970) entre empresas e investidores. Ao mesmo tempo, a busca por "transparência total nos relatórios ESG, com metas, resultados" reflete a necessidade das empresas de construir legitimidade (Suchman, 1995), demonstrando compromisso e atraindo o crescente volume de investimentos responsáveis, que consideram o impacto socioambiental como um critério decisivo.

5 CONCLUSÃO

A pesquisa teve como objetivo analisar de que maneira as práticas de sustentabilidade adotadas por empresas paraenses influenciam a percepção de valor por parte dos investidores. A partir da fundamentação teórica e da análise qualitativa das percepções dos respondentes, foi possível comprovar que a sustentabilidade deixou de ser um diferencial opcional para se consolidar como diretriz central de valorização empresarial em mercados sensíveis, como o amazônico.

Os resultados demonstram que investidores contemporâneos têm priorizado, de forma crescente, critérios ESG (ambientais, sociais e de governança) como elementos estratégicos na tomada de decisão financeira. Esse fenômeno é justificado não apenas por exigências normativas ou éticas, mas também pela constatação experimental de que empresas sustentáveis apresentam melhor desempenho financeiro no longo prazo, maior resiliência frente às crises e mitigação de riscos reputacionais e operacionais (Friede; Busch; Bassen, 2015; Khan; Serafeim; Yoon, 2016).

No contexto do Pará, as evidências coletadas confirmam que a adoção de práticas sustentáveis agrega valor aos ativos empresariais, sobretudo quando estas são comunicadas com transparência, autenticidade e respaldadas por ações concretas tais como certificações reconhecidas, relatórios de sustentabilidade auditáveis, uso racional dos recursos naturais e engajamento real com comunidades locais (Del Gesso; Lodhi, 2025; Siltaoja, 2009).

Também, observou-se que os investidores valorizam iniciativas que gerem valor compartilhado conceito defendido por Porter e Kramer (2011), nas quais o retorno financeiro é articulado com a geração de benefícios sociais e ambientais tangíveis. O uso sustentável da biodiversidade amazônica, a valorização do conhecimento tradicional, a atuação transparente e a contribuição para o desenvolvimento local foram mencionadas como critérios que influenciam significativamente a intenção de investimento.

Entretanto, o estudo também revelou entraves importantes. Fatores como o desmatamento ilegal, a contaminação hídrica, a escassez de infraestrutura e a ausência de políticas públicas consistentes ainda se apresentam como obstáculos à consolidação de uma economia verde na região (Hardin, 1968; North, 1990; Adloff; Neckel, 2019). Tais limitações exigem uma ação articulada entre Estado, setor produtivo e sociedade civil para que se avance de fato na direção de um modelo sustentável, integrando desenvolvimento econômico e conservação ambiental.

Dessa forma, conclui-se que o estado do Pará possui vantagens comparativas significativas para a atração de investimentos sustentáveis, especialmente diante do protagonismo que terá ao sediar a COP-30. No entanto, transformar esse potencial em realidade exige o fortalecimento institucional, a criação de ambientes de negócios sustentáveis e o comprometimento genuíno das empresas com práticas ESG. Nesse sentido, este trabalho contribui para o campo ao evidenciar que a sustentabilidade é não apenas viável, mas essencial à criação de valor em regiões de elevada relevância ecológica.

Contudo, a sustentabilidade, quando realmente incorporada à estratégia empresarial, opera como um poderoso vetor de competitividade, reputação e legitimidade junto aos investidores sendo, portanto, uma condição inegociável para o futuro dos negócios no Pará e na Amazônia.

REFERÊNCIAS

- ADLOFF, Frank; NECKEL, Sighard. Futures of sustainability as modernization, transformation, and control: a conceptual framework. *Sustainability Science*, v. 14, p. 1015-1025, 2019.
- ADLOFF, Frank. The future of sustainable development in the Amazon. *Environmental Science & Policy*, v. 97, p. 77-83, 2019.
- AMEL-ZADEH, Amir; SERAFEIM, George. Why and How Investors Use ESG Information: Evidence from a Global Survey. *Financial Analysts Journal*, v. 74, n. 3, p. 87-103, 2018. DOI: <https://doi.org/10.2469/faj.v74.n3.2>
- BALDASSARRE, Fabrizio; CAMPO, Raffaele. Sustainability as a marketing tool: To be or to appear to be?. *Business Horizons*, v. 59, n. 4, p. 421-429, 2016.
- BALDASSARRE, Francesca; CAMPO, Rossella. Sustainability as a marketing tool: To be or to appear to be? *Business Strategy and the Environment*, v. 25, n. 4, p. 277-292, 2016.
- BARNEY, Jay B.; HESTERLY, William S. *Administração estratégica e vantagem competitiva: conceitos e casos*. 2. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.
- BARNEY, Jay. Firm Resources and Sustained Competitive Advantage. *Journal of Management*, v. 17, n. 1, p. 99-120, 1991.
- BAUMGARTNER, Rupert J. Managing corporate sustainability and CSR: A conceptual framework combining values, strategies and instruments contributing to sustainable development. *Corporate Social Responsibility and Environmental Management*, v. 21, n. 5, p. 258-271, 2014.
- BERTÃO, Naiara. Avanço da agenda de sustentabilidade aproxima o mercado financeiro da economia real. *Valor.Globo*, 2024. Disponível em: <https://valor.globo.com/financas/esg/noticia/2024/05/03/com-avanco-da-agenda-de-sustentabilidade-mercado-financeiro-se-aproxima-da-economia-real.ghtml>. Acesso em: 19 out. 2024.
- BOCKEN, Nancy M. P. et al. A literature and practice review to develop sustainable business model archetypes. *Journal of Cleaner Production*, v. 65, p. 42-56, 2014.
- B3. *Relatório de Sustentabilidade 2023*. Acesso em: 21 jan. 2025.
- CAO, Shixiong et al. Balancing ecological conservation with socioeconomic development. *Ambio*, v. 50, n. 5, p. 1117-1122, 2021.
- COMISSÃO BRUNDTLAND. *Nosso Futuro Comum*. Oxford University Press, 1987. Acesso em: 11 jan. 2025.
- DALY, Herman E. *Steady-State Economics*. 2. ed. Washington, DC: Island Press, 1991.
- DEL GESSO, Carla; LODHI, Rab Nawaz. Theories underlying environmental, social and governance (ESG) disclosure: a systematic review of accounting studies. *Journal of Accounting Literature*, v. 47, n. 2, p. 433-461, 2025.

DELMAS, Magali A.; BURBANO, Vanessa C. The Drivers of Greenwashing. *California Management Review*, v. 54, n. 1, p. 64–87, 2011.

DOBRE, Cristiana. *Um novo quadro conceitual para a coerência das Políticas para o Desenvolvimento Sustentável*. 2024.

DYLCLICK, Thomas; MUFF, Katrin. Clarifying the Meaning of Sustainable Business: Introducing a Typology From Business-as-Usual to True Business Sustainability. *Organization & Environment*, v. 29, n. 2, p. 156–174, 2016.

ECCLES, Robert G.; IOANNOU, Ioannis; SERAFEIM, George. The Impact of a Corporate Culture of Sustainability on Corporate Behavior and Performance. *Harvard Business School Working Paper*, n. 12-035, 2014.

ECCLES, Robert G.; KLIMENKO, Svetlana. The Investor Revolution. *Harvard Business Review*, May–June, p. 106–116, 2019.

ELKINGTON, John. *Cannibals with Forks: The Triple Bottom Line of 21st Century Business*. Oxford: Capstone, 1997.

FISCHER-KOWALSKI, Marina; WEISZ, Helga. Society as a hybrid between economy and nature: social metabolism as a common denominator for sustainability analysis. In: INTERNATIONAL SYMPOSIUM ON ENVIRONMENTAL SOCIOLOGY, 2., 1999, Kyoto. *Proceedings...* Kyoto: International Sociological Association, 1999. p. 1-20.

FREEMAN, R. Edward. *Strategic Management: A Stakeholder Approach*. 1984.

FRIEDE, Gunnar; BUSCH, Timo; BASSEN, Alexander. ESG and financial performance: aggregated evidence from more than 2000 empirical studies. *Journal of Sustainable Finance & Investment*, v. 5, n. 4, p. 210-233, 2015.

GARVIN, David A. Competing on the eight dimensions of quality. *Harvard Business Review*, Boston, v. 65, n. 6, p. 101-109, nov./dez. 1987.

GEELS, Frank W. Technological transitions as evolutionary reconfiguration processes: a multi-level perspective and a case study. *Research Policy*, v. 31, n. 8-9, p. 1257-1274, 2002.

GILLAN, Stuart L.; KOCH, Andrew; STARKS, Laura T. Firms and social responsibility: A review of ESG and CSR research in corporate finance. *Journal of Corporate Finance*, v. 66, p. 101889, 2021.

GLOBAL REPORTING INITIATIVE (GRI). *GRI Standards: Consolidated Set of GRI Standards 2021*. Disponível em: <https://www.globalreporting.org>. Acesso em: 21 jan. 2025.

GLOBAL SUSTAINABLE INVESTMENT ALLIANCE (GSIA). *Global Sustainable Investment Review 2020*. Disponível em: <https://www.gsi-alliance.org>. Acesso em: 21 jan. 2025.

GLOBAL SUSTAINABLE INVESTMENT ALLIANCE (GSIA). *2020 Global Sustainable Investment Review*. 2021. Disponível em: <https://www.gsi-alliance.org>. Acesso em: 25 maio 2025.

- HAHN, Tobias et al. Integrative Capability for Sustainable Business Models: A Narrative Synthesis of the Literature. *Business Strategy and the Environment*, v. 23, n. 3, p. 173–185, 2015.
- HARDIN, Garrett. The tragedy of the commons. *Science*, v. 162, n. 3859, p. 1243–1248, 1968.
- HART, Stuart L.; MILSTEIN, Mark B. Creating sustainable value. *Academy of Management Executive*, v. 17, n. 2, p. 56–67, 2003.
- HAWLEY, Amos H. *Human Ecology: A Theory of Community Structure*. New York: Ronald Press Co., 1950.
- IBGE. *Atlas geográfico do Brasil*. Acesso em: 21 jan. 2025.
- KHAN, Mozaffar; SERAFEIM, George; YOON, Aaron. Corporate sustainability: First evidence on materiality. *The Accounting Review*, v. 91, n. 6, p. 1697-1724, 2016.
- KOTSANTONIS, Sakis; PINNEY, Chris; SERAFEIM, George. ESG Integration in Investment Management: Myths and Realities. *Journal of Applied Corporate Finance*, v. 28, n. 2, p. 10–16, 2016.
- KURTZ, Lloyd. *Sustainable investing: Reshaping finance to meet long-term needs*. 2. ed. Hoboken: Wiley, 2024.
- KURTZ, Michael. *ESG e a transformação do mercado global*. Nova York: Global Markets Insights, 2024.
- KURTZ, Rocco. *ESG em foco: sustentabilidade, responsabilidade e governança para o futuro*. 2024. Acesso em: 21 jan. 2025.
- LOZANO, Rodrigo. A holistic perspective on corporate sustainability drivers. *Corporate Social Responsibility and Environmental Management*, v. 22, n. 1, p. 32–44, 2015.
- LYON, Thomas P.; MAXWELL, James W. Greenwash: Corporate environmental disclosure under threat of audit. *Journal of Economics & Management Strategy*, v. 20, n. 1, p. 3–41, 2011.
- LYON, Thomas P.; MONTGOMERY, Awishkar G. The Means and End of Greenwash. *Organization & Environment*, v. 28, n. 2, p. 223–249, 2015.
- MARKOWITZ, Harry M. Foundations of portfolio theory. *The Journal of Finance*, v. 46, n. 2, p. 469-477, 1991.
- MARTINS DE SOUZA, Adriano; PUGLIERI, Fabio Neves; DE FRANCISCO, Antonio Carlos. Competitive Advantages of Sustainable Startups: Systematic Literature Review and Future Research Directions. *Sustainability*, v. 16, n. 17, p. 7665, 2024.
- MIKULČIĆ, Hrvoje; DUIĆ, Neven; DEWIL, Raf. Environmental management as a pillar for sustainable development. *Journal of Environmental Management*, v. 203, p. 867-871, 2017.
- NEPSTAD, Daniel et al. Slowing Amazon deforestation through public policy and interventions in beef and soy supply chains. *Science*, v. 344, n. 6188, p. 1118–1123, 2014.
- NEWELL, Peter; TWENA, Michelle; DALEY, Freddie. Scaling behaviour change for a 1.5-degree world: challenges and opportunities. *Global Sustainability*, v. 4, p. e22, 2021.

- NIELSEN. *Global Consumers Seek Companies That Care About Environmental Issues*. 2018.
- NORTH, Douglass C. *Institutions, Institutional Change and Economic Performance*. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.
- PEATTIE, Ken; CRANE, Andrew. Green marketing: legend, myth, farce or prophesy? *Qualitative Market Research*, v. 8, n. 4, p. 357–370, 2005.
- PONTE, Stefano. Green Capital, Sustainable Nation: Sustainability and the Governance of Global Value Chains. *Annals of the American Association of Geographers*, v. 109, n. 4, p. 1131–1146, 2019.
- PONTE, Stefano. Green capital accumulation: business and sustainability management in a world of global value chains. *New Political Economy*, v. 25, n. 1, p. 72–84, 2019.
- PORTER, Michael E.; KRAMER, Mark R. A criação de valor compartilhado. *Harvard Business Review Brasil*, fev. 2011. Disponível em: <https://hbr.org/2011/01/the-big-idea-creating-shared-value>. Acesso em: 21 jan. 2025.
- PORTER, Michael E.; KRAMER, Mark R. Creating Shared Value. *Harvard Business Review*, v. 89, n. 1/2, p. 62–77, 2011.
- PORTER, Michael E.; KRAMER, Mark R. Strategy & society: the link between competitive advantage and corporate social responsibility. *Harvard Business Review*, v. 84, n. 12, p. 78–92, 2006.
- PORTER, Michael. *Competitive Advantage: Creating and Sustaining Superior Performance*. 1985. Acesso em: 11 jan. 2025.
- PORTER, Michael E. *Vantagem competitiva: criando e sustentando um desempenho superior*. 6. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2025.
- PRINCIPLES FOR RESPONSIBLE INVESTMENT (PRI). "What is responsible investment?". Acesso em: 21 jan. 2025.
- ROGERS, Daniel. Conscious consumption: consumer attitudes towards ESG in 2023. *Journal of Sustainable Consumer Behavior*, v. 12, n. 1, p. 15–29, 2023.
- ROGERS, Emily. *Consumo consciente e sustentabilidade global: tendências de comportamento do consumidor*. Londres: GreenFuture Press, 2023.
- ROGERS, Kristina. *A mudança no consumo irá remodelar as prioridades de negócios*. Disponível em: https://www.ey.com/pt_br/consumer-products-retail/changing-consumption-will-reshape-business-priorities. Acesso em: 2 nov. 2024.
- SACHS, Jeffrey D. From Millennium Development Goals to Sustainable Development Goals. *The Lancet*, v. 379, n. 9832, p. 2206–2211, 2012.
- SACHS, Jeffrey et al. *Amazonia Against the Clock: A Regional Assessment on Where and How to Protect 80% by 2025*. RAISG – Rede Amazônica de Informação Socioambiental Georreferenciada, 2022.
- SANTOS, Leticia Cristina dos. *Investimentos ESG (Environmental, Social and Governance): análise dos Green Bonds no mercado financeiro do Brasil*. 2024.

SCHALTEGGER, Stefan; WAGNER, Marcus. Sustainable entrepreneurship and sustainability innovation: categories and interactions. *Business Strategy and the Environment*, v. 20, n. 4, p. 222–237, 2011.

SECRETARIA DE MEIO AMBIENTE E SUSTENTABILIDADE. *Programa Municípios Verdes*. Acesso em: 21 jan. 2025.

SEDEME. *Relatório de gestão 2023*. Acesso em: 21 jan. 2025.

SHARPE, William F. Capital asset prices: A theory of market equilibrium under conditions of risk. *The Journal of Finance*, v. 19, n. 3, p. 425-442, 1964.

SILTAOJA, Marita E. On the Interpretative Reproduction of Business and Society. *Journal of Business Ethics*, v. 84, p. 777–794, 2009.

SILTAOJA, Marita E. On the dark side of CSR: A sociological perspective. *Corporate Social Responsibility and Environmental Management*, v. 16, n. 4, p. 213–223, 2009.

SILVA, Larissa de Sá. *A adoção de práticas ESG por empresas brasileiras de capital aberto*. 2022.

SILVA, Luiz Henrique Vieira da. *Aplicação e impactos dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável em grandes empresas privadas do setor industrial no Brasil*. 2021.

SILVA, M. *ESG no Brasil: Impactos Financeiros*. 2022.

SUDAM. *Relatório de Desenvolvimento Regional e Sustentabilidade*. Disponível em: <Disponível em: > Acesso em: 21 jan. 2025.

SUJANSKA, Katarina; NADANYIOVA, Miriam. Building brand trust through sustainability communication. *Sustainability*, v. 15, n. 4, p. 2105, 2023.

SUJANSKA, Lucia; NADANYIOVA, Margareta. Sustainable Marketing and its Impact on the Image of the Company. *Marketing i Menedžment Inovacij*, v. 14, n. 2, p. 51-57, 2023.

VELLEDA, Isabella. Revolução em Wall Street: como o ESG está transformando o mercado financeiro. *Forbes*, 2021. Disponível em: <https://forbes.com.br/forbesesg/2021/08/revolucao-em-wall-street-como-o-esg-esta-transformando-o-mercado-financeiro/>. Acesso em: 19 out. 2024.

VENTURINI, Alessio. Climate change, risk factors and stock returns: A review of the literature. *International Review of Financial Analysis*, v. 79, p. 101934, 2022.

VILHENA, Francisco Claudino Fonseca et al. *Inserção Internacional: Uma Aplicação Regional da Matriz de Competitividade na Amazônia*.

VILHENA, R. *Biodiversidade e Economia na Amazônia*. 2022.

WWF. *WWF chama a atenção do mundo para conservação da Amazônia*. Acesso em: 21 jan. 2025.

ANEXO 1 – QUESTIONÁRIO

1. Na sua visão como potencial investidor(a), de que forma os princípios da sustentabilidade (ambiental, social e econômica) influenciam sua decisão de investir em negócios na região amazônica, especialmente no Estado do Pará?
2. Como você avalia o potencial de criação de valor econômico em negócios sustentáveis no Pará em comparação a modelos tradicionais de investimento?
3. Na sua percepção, como a imagem verde de uma empresa ou produto influencia sua confiança e intenção de investir?
4. Quais indicadores ou evidências de práticas sustentáveis você considera mais relevantes ao analisar uma empresa paraense como potencial investimento?
5. A presença de selos de certificação sustentável ou adesão aos ODS da ONU aumentaria seu interesse em investir? Por quê?
6. Em sua opinião, quais riscos ambientais ou sociais mais impactam a atratividade de negócios sustentáveis no Pará?
7. Você acredita que práticas sustentáveis permitem que empresas justifiquem preços mais altos (premium) para seus produtos? Por quê?
8. Como o fato de uma empresa contribuir com o desenvolvimento social e econômico local influencia sua decisão de investimento?
9. Na sua avaliação, como o uso de recursos naturais com responsabilidade (bioeconomia, manejo florestal, etc.) pode se tornar um diferencial competitivo para atrair capital no Pará?
10. Que tipo de transparência e relatórios de sustentabilidade você espera de uma empresa para sentir confiança em investir nela?



Universidade do Estado do Pará
Centro de Ciências Sociais e Educação
Curso de Tecnologia em Comércio Exterior
Centro De Ciências Naturais E Tecnologia - Campus V - CCNT
Tv. Dr. Enéas Pinheiro, 2626 - Marco
(91) 3284-9870
Belém - Pa